

O IMPACTO DA CRISE ECONÔMICA NO PERFIL DO EMPREGO FORMAL NOS MUNICÍPIOS DE PELOTAS E RIO GRANDE

TAINÁ CARDOZO DE OLIVEIRA¹; PEDRO ÁTILA MOREIRA SIMÕES²;
FRANCISCO EDUARDO BECKENKAMP VARGAS³

¹*Universidade Federal de Pelotas – tainacardozo@live.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – pam.simoes6@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – franciscoebvargas@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o impacto da crise econômica brasileira dos últimos anos sobre a evolução do emprego formal nos municípios de Pelotas (RS) e Rio Grande (RS), identificando-se, também, seus efeitos sobre o perfil dos trabalhadores empregados. Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no âmbito do Observatório Social do Trabalho, projeto que tem como um de seus objetivos monitorar as mudanças no mercado de trabalho da região sul do Estado do Rio Grande do Sul.

A questão do emprego no Brasil passou por muitas transformações ao longo da história recente. A partir dos anos 1930 até os anos 1980, em um contexto de forte expansão da dinâmica de acumulação capitalista no mundo e no Brasil, o país passou por um período de forte crescimento econômico e de industrialização acelerada. Porém, ao mesmo tempo em que houve crescimento econômico, com a expansão do emprego formal e a conquista de direitos sociais, esse período foi caracterizado também por uma situação crescente de precariedade e informalidade do trabalho, caracterizada, sobretudo, pela exclusão de uma parcela expressiva da classe trabalhadora do acesso aos direitos e proteções do trabalho regular, regido pelos direitos trabalhistas e previdenciários.

Durante as décadas de oitenta e noventa, o Brasil enfrentou uma forte crise econômica, marcada por instabilidade, grande endividamento público e elevada inflação, além do avanço da reestruturação produtiva do capitalismo e implementação das formas flexíveis de gestão e organização do trabalho, o que levou a um novo processo de precarização do trabalho e do mercado de trabalho, com aumento do desemprego e da informalidade. A partir dos anos 2000, a economia brasileira se torna mais estável e volta a crescer. Neste período, há uma redução do desemprego e da informalidade do trabalho, bem como acentuado crescimento do emprego formal, protegido pelos direitos sociais, além da ampliação de políticas sociais que foram essenciais para a redução da pobreza e para a inclusão de parte da população que vivia em condição de vulnerabilidade social (VARGAS, 2014). Até 2014, o país continuou em um movimento de crescimento econômico, até sofrer uma recessão nos anos de 2015 e 2016, o que teve um efeito muito negativo no mercado de trabalho, levando, novamente, ao aumento do desemprego e da informalidade (PAULA; PIRES, 2017). Nesse cenário econômico de crise, o município de Rio Grande sofreu um impacto ainda mais significativo por conta da crise e desestruturação do polo naval local que ocorreu no mesmo período, no contexto de uma crise política e de avanço da operação lava a jato que colocou em xeque os investimentos da Petrobras (D'AVILA; BRIDI, 2017).

Com essas transformações no âmbito da economia e do mercado de trabalho no Brasil, o perfil do trabalhador brasileiro também passou por mudanças significativas. Arretche (2015) constatou que as últimas cinco décadas foram

decisivas para a consolidação do mercado de trabalho brasileiro. Este longo processo levou a mudanças como o aumento do engajamento das mulheres no mercado de trabalho e maiores exigências de escolarização e qualificação da força de trabalho. É nesse contexto que se coloca o objetivo deste trabalho de analisar como a crise econômica, que teve início em 2015, impactou o perfil do emprego formal, especificamente em Pelotas e Rio Grande.

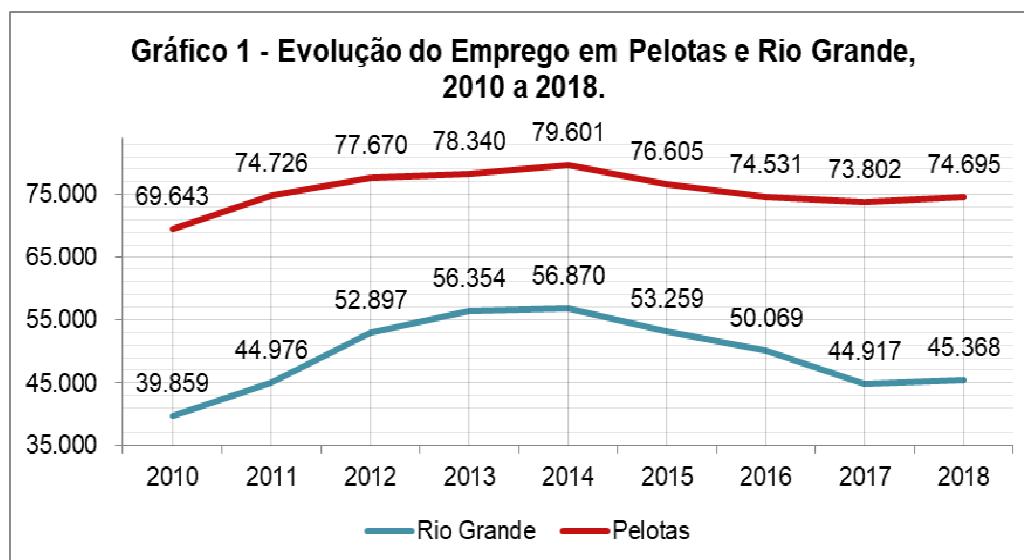
2. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada com uma metodologia quantitativa a partir de um levantamento e tratamento de dados coletados através da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), que consiste em registro administrativo do governo federal sobre os dois tipos de emprego formal: aquele que é regido pela Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), no setor privado, e o emprego estatutário do setor público. Para alcançar o objetivo desta pesquisa, de identificar o impacto da crise econômica recente sobre o emprego formal em Pelotas e Rio Grande, realizamos levantamento de dados sobre a evolução anual do estoque de vínculos de emprego formal, ativos em 31 de dezembro de cada ano, em Pelotas e Rio Grande, no período de 2010 a 2018, focalizando-se a análise nos anos de 2014 e 2018. Toma-se 2014 como referência porque é o último ano no qual se observa uma expansão do emprego formal no Brasil e na região sul, resultado da conjuntura econômica favorável daquele período. Logo, o ano de 2014 é aquele que precede à crise econômica que se instala no país a partir em 2015 e 2016 e que se prolonga em 2017 na região sul. O ano de 2018 é o último disponível pela RAIS e permite, justamente, avaliar o impacto desse período recente de crise. Analisa-se não somente a evolução do emprego total, mas também sua variação segundo o perfil dos trabalhadores em termos de sexo, faixa etária e escolaridade, variáveis disponíveis na RAIS.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a crise econômica que teve início em 2015, é possível perceber, conforme o Gráfico 1, que a partir do ano de 2015 houve uma mudança no cenário do mercado de trabalho em Pelotas e Rio Grande, com uma forte redução do emprego formal em ambos os municípios. No final do ano de 2014, o estoque total de empregos era de 79.601 vínculos em Pelotas e de 56.870 vínculos em Rio Grande. Ao final de 2018, deparamo-nos com uma situação bem diferente, o estoque de empregos de Pelotas caiu para 69.643 vínculos e o de Rio Grande para 45.368 vínculos. Em Pelotas, foram perdidos -4.906 vínculos formais de emprego e em Rio Grande -11.502 vínculos, o que corresponde a uma taxa de variação de -6,16% e -20,23%, respectivamente. De 2014 a 2018, a taxa de variação do emprego no Brasil sofreu uma redução de 5,93%. Já no Rio Grande do Sul, a taxa de variação foi de -6,71%. Logo, constata-se que o impacto da crise econômica foi bastante significativa nos dois municípios, mas muito mais forte no município de Rio Grande devido à crise do polo naval que provocou uma acentuada perda de empregos industriais no período de 2015 a 2017. Em Pelotas, as perdas foram similares àquelas observadas no Brasil e no Estado do Rio Grande do Sul.

Ao observar a variação do perfil dos empregados segundo o sexo, conforme a Tabela 1, vemos que tanto em Pelotas como em Rio Grande houve um aumento da participação feminina e uma redução da participação masculina. A participação feminina, no período, passou de 46,5% para 47,2% em Pelotas e



Fonte: RAIS.

de 40% para 41,8% em Rio Grande. A participação masculina, no mesmo período, passou de 53,4% para 52,7% em Pelotas e de 59,9% para 58,1% em Rio Grande.

Observando a participação das mulheres no mercado de trabalho, percebe-se que ainda consistem em uma minoria. Porém, em ambos os municípios esse grupo obteve menos perdas em 2018 em relação aos homens. Há uma tendência de crescimento na participação feminina no mercado de trabalho e percebe-se que, apesar da redução do emprego formal que ocorreu no período da crise econômica em Pelotas e Rio Grande, essa tendência ainda é observada.

Tabela 1 – Taxas de Participação (%) das Variáveis de Perfil em Pelotas e Rio Grande, 2014 e 2018.

Variável e categorias		Taxa de Participação (%)			
		Pelotas		Rio Grande	
		(2014 – 2018)		(2014 - 2018)	
Sexo	Masculino	53,4	52,8	59,9	58,1
	Feminino	46,5	47,2	40,0	41,8
Faixa etária	Até 17	1,2	0,6	1,8	0,6
	18 a 29	28,8	25,2	30,9	26,0
	30 a 49	49,2	51,9	49,9	52,9
	50 a 64	18,7	20,3	16,2	18,6
	65 ou mais	1,3	2,0	1,2	1,9
Escolaridade	Fundamental Incompleto	14,2	10,9	12,3	10,0
	Fund. Completo e Médio Incompleto	20,6	16,4	18,6	16,8
	Médio Completo e Superior Incompleto	45,2	48,1	52,8	50,8
	Superior Completo	20,0	24,5	16,3	22,3

Fonte: RAIS.

Analisando-se os dados relacionados à faixa etária, vemos que, durante todo o período de 2014 a 2018, a maioria dos vínculos de emprego formal nos dois municípios eram de trabalhadores de 30 a 49 anos. Também observa-se que, no mesmo período, em ambos os municípios houve uma significativa queda no número de trabalhadores jovens de 18 a 29 anos. Em 2014, os empregados formais de 18 a 29 anos em Pelotas representavam 28,8% dos empregos totais e em Rio Grande 30,8%. Contudo, em 2018, esses números caem para 25,1% em

Pelotas e 26% em Rio Grande. Isso demonstra como o impacto da crise econômica desse período foi bastante significativo para a juventude, possivelmente dificultando o ingresso no mercado de trabalho que normalmente se inicia nesse período.

Seguindo na análise segundo a escolaridade, constata-se que a participação dos empregados com o ensino superior completo cresceu nas duas cidades: em Pelotas essa parcela de trabalhadores passou de 20%, em 2014, para 23,8%, em 2018. Em Rio Grande, houve uma movimentação semelhante, essa participação passando de 15,7% para 21,3% no mesmo período. Isso demonstra que, durante a crise, a demanda por mão-de-obra qualificada e a exigência mínima de escolaridade para ingresso no mercado de trabalho aumentou, algo que fica evidenciado também na expressiva queda no número de trabalhadores com ensino fundamental incompleto. Em Pelotas, esse grupo passou de 14,1% dos trabalhadores, em 2014, para 10,9%, em 2018. Em Rio Grande, a mesma categoria consistia em 12,3% dos trabalhadores e diminuiu para 10% no período.

4. CONCLUSÕES

Na análise do impacto da crise econômica que se iniciou em 2015 no mercado de trabalho nos municípios de Pelotas e Rio Grande, constatou-se que, nos dois municípios, houve uma queda no número de vínculos de emprego formal durante o período mencionado. Porém, o município de Rio Grande foi mais afetado pela crise. Além disso, percebe-se que, apesar da redução do emprego formal que ocorreu em ambos os municípios, houve um aumento na participação das mulheres no mercado de trabalho. Também foi possível concluir que o impacto negativo da crise econômica foi mais significativo para os jovens de 18 a 29 anos do que para as faixas etárias mais velhas nos dois municípios. Por fim, também observamos uma mudança na exigência por qualificação quando os dados sobre escolaridade foram analisados. O ensino superior ganhou mais espaço no mercado de trabalho nesse período, havendo um aumento de demanda por mão-de-obra qualificada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRETCHE, Martha. **Trajetória das desigualdades:** como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

BRASIL. Ministério da Economia. Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho. **Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).** Online. Acessado em 14 set. 2020. Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/rais>.

D'AVILA, Ana Paula F.; BRIDI, Maria Aparecida. Indústria naval brasileira e a crise recente: o caso do Polo Naval e Offshore de Rio Grande (RS). **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 19, n. 38, p. 249-268, Abr. 2017.

PAULA, Luiz Fernando de; PIRES, Manoel. Crise e perspectivas para a economia brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 31, n. 89, p. 125-144. Abr. 2017.

VARGAS, F. E. B. O mercado de trabalho e a questão do emprego no Brasil: integração precária e desenvolvimento desigual. **Revista brasileira de sociologia**, v. 2, n. 4, p. 183-203, jul./dez./2014.